

2.2 Pensando o sentimento

*Pura essência das lágrimas que choro
E sonho dos meus sonhos! se és verdade
Descobre-te, visão, no Céu ao menos!*
ANTERO DE QUENTAL

Do *sentir* instintivo da fase anterior, avança Antero para um *pensar* intencional.

Se no capítulo 2 desse trabalho, preenche de aspectos ultra-românticos e evasionistas, o *sentir* é privilegiado, em sua segunda parte, evoluiremos para uma racionalização favorecida pela mudança ambiental de nosso autor. Livre da influência insular de sua terra natal, fora do alcance das idéias religiosas maternas, distante do ambiente favoravelmente místico de São-Miguel, Antero pôde, ao contato com a efervescência cultural de Coimbra, deixar afluir ao pensamento o que, até então, estivera interiorizado: a sua idéia particular de Deus.

Até então, sentira-O; agora, começa a pensá-IO, pois é, medularmente, como escrevia Oliveira Martins:

“[...] um poeta na mais elevada expressão da palavra; mas ao mesmo tempo é a inteligência mais crítica, o instinto mais prático, a sagacidade mais lúcida, que eu conheço. É um poeta que sente, mas é um raciocínio que pensa. Pensa o que sente; sente o que pensa.”
(MARTINS, p.15)

Podemos afirmar, portanto, que o “núcleo de sua trajetória humana” começa a descobrir-se a partir daí. Sua crença, não posta em dúvida até a adolescência, disfarça num nível mais fundo de consciência a sua própria realidade.

Na sempre citada carta a Wilhelm Storck, em que se confessa “espírito naturalmente religioso” que “tinha nascido para crer placidamente e obedecer sem esforço a uma regra reconhecida”, Antero põe em relevo o momento do impacto que sofreu ao tomar conhecimento das novas idéias que circulavam no seu entorno. Óscar Lopes sintetiza as agonias experimentadas nesse momento crucial: “estamos, tematicamente, perante a figura de um poeta angustiado entre o Deus bíblico-evangélico e uma insatisfeita descrença, roçando por vezes o niilismo e a blasfêmia, entre a exultação e a desesperação místico-amorosa, expressão poética de dado ciclo de amor infeliz: A M.C. (...)” (LOPES, p.85)

Do ideal percebido instintivamente, predominante no período anterior de tradição sentimental romântica, avança Antero para a crise que “[varreu] para sempre as formas tradicionalmente católicas da sua religiosidade”.(LOPES, p.51)

Essa etapa contém, no dizer de Oliveira Martins, o embrião de todas as sucessivas. Denuncia a alma sensível, mas já com preocupações metafísicas e rudimentos de dúvidas teológicas. Os instantes de tristeza revezam-se com instantes de euforia provenientes das novas leituras: Michelet, Quinet, Hegel, etc, (MARTINS, p.19) que passam a fermentar em seu cérebro.

Se ainda não temos o Antero das *Odes*, temos um Antero em luta consigo mesmo:

As lutas infantis deste primeiro período, para saber se Deus é ou não é verdade, bastam, em si mesmo [sic] e no próprio modo porque estão expressas, para nos mostrar que o poeta não saiu ainda das esferas da representação elementar dos seres para a esfera compreensiva das abstrações racionais. (MARTINS, p.20)

O grande problema, gerador de toda a sua angústia, concretiza-se a partir do momento em que ele quer apreender Deus com sua inteligência, o que, de certa forma, consegue. Mas como retirá-lo de seu coração, matando a sua própria fé? Como se deixar levar apenas pelo racional, quando tudo dentro dele clama pela visão com que fora acostumado a contar nos momentos de desespero? Em Antero, fundem-se o poeta e o pensador:

“Se o homem é grande intelectualmente, moralmente não o é menos”(14D-31),² escreveu Pessoa, falando de Antero. Nele reconhece um poeta atormentado, cujo martírio seria explicável por razões várias. Lembra sua luta entre “uma constituição mental racionalista(...) e um temperamento geral de crente”. Educado no cristianismo, Antero conseguiu arrancá-lo de todo o seu intelecto, “mas sabemos que não o poderá ou poderia arrancar do seu temperamento ou bem da sua emoção”. Em certos períodos de “tristeza (...), invadia-lhe o terreno o temperamental misticismo-cristão” (14D-35). Quanto mais apático e prostrado, mais forte surgia o sentido místico, que poderia parecer a Antero uma intuição intelectual da verdade que o intelecto, plenamente despertado, iria repelir, estabelecendo-se assim a luta interior. (BERRINI, 1985, p.22)

² Cota do testemunho no Espólio III (Fernando Pessoa) na Biblioteca Nacional, em Lisboa.

Nesse primeiro momento de dúvida, deparamo-nos com um autor angustiado, tentando buscar respostas imediatas para um problema que parece recente. Sua imaginação e sua razão debatem-se: ele precisa *pensar* mais do que *sentir*. Nessa luta permanente em busca do entendimento, desequilibra-se o homem, na tentativa de uma síntese que nunca alcançará.

Ao agrupar os poemas desse momento inicial, destacamos aqueles que, entre 1860 e 1862, sobressaem pela temática da busca de respostas: em “O Convertido” (MARTINS, p.114) já encontramos essa mudança: “Amortalhei na fé o pensamento, / (...) / Só me falta saber se Deus existe!”; em “Voz Interior” (Idem, p.141), o impacto da procura por respostas que lhe vêm através de uma voz, agora desconhecida, latente, reafirmando o Bem, isto é, Deus: “Só no meu coração, que sondo e meço, / Não sei que voz, que eu mesmo desconheço, / Em segredo protesta e afirma o Bem!”.

Esses poemas encontram-se dispersos entre os ciclos temáticos de António Sérgio, já citados na página 1.

No Ciclo do Pensamento de Deus (SÉRGIO, 1956, p.231), o soneto “A João de Deus”, escrito entre 1860 e 1862 (CARREIRO, p.135), já nos antecipa a idéia surgida em 1865, quando Antero traça oposições entre seu poema “Luz do Sol, Luz da Razão” e o de João de Deus, “Luz da Fé”:

A minha fé vira-se mais para a terra do que para o céu. O João prefere o céu. Mas quem tem culpa deste desacordo é ele mesmo. Pois, terra digna de ele a pisar e viver nela, não valerá bem um céu, qualquer que ele seja? (CARREIRO, p.139)

A resposta dada por Antero a M. P. da Rocha Viana, em 1865, (CARREIRO, p.139) concretiza a idéia da diferença entre a visão de Deus dos dois poetas: se para Antero a fé precisa ser clara e racionalizada,

É lei também, embora cru tormento,
 Buscar, sempre buscar a claridade,
 E só ter como certa realidade
 O que nos mostra claro o entendimento.(QUENTAL, 1956, p.235)

para João de Deus ela é prenúncio de eternidade e só através dela se chegará à ressurreição: “Seu Deus é compassivo, remunerador, pai, enfim, e a morte não é morte, mas ressurreição”. (BERARDINELLI, p.10)

À necessidade de entendimento e clareza da fé de Antero, toda voltada para a terra, opõe-se a fé incondicional de João de Deus, séria e devotamente voltada para o céu:

Segues-me sempre...e só por ti suspiro!
Vejo-te em tudo...terra e céu te esconde!
Nunca te vi...cada vez mais te admiro! (JOÃO de DEUS, p.75)

No poema anterior, o primeiro terceto nos mostra a percepção do autor, perdido que está em meio ao sentimento contraditório que se lhe apresenta:

O que há-de a alma escolher, em tanto engano?
Se uma hora crê de fé, logo duvida:
Se procura, só acha ... o desatino! (QUENTAL, 1956, p.235)

Mas ainda persiste a crença latente num Deus maior, é nEle, nas Suas mãos, que repousa a certeza de uma solução para Antero: entre tantas dúvidas, só em Deus estará a resposta:

Só Deus pode acudir em tanto dano:
Esperemos a luz duma outra vida,
Seja a terra degredo, o céu destino. (Ibidem, p.235)

É de se notar o tom de certeza no imperativo do verbo *ser* do último verso: a idéia do Deus só perdão, ainda está lá.

Do Ciclo do Sentimento Pessimista, também do período compreendido entre 1860 e 1862, selecionamos os poemas: “Lamento”, “A Alberto Teles” e “A Um Crucifixo”.

Os dois primeiros têm em comum o abandono, o sentir-se só, do poeta. E, mais difícil ainda: é ele o único abandonado por Deus – o ermita tem a visita de Deus; o nauta espera o vento favorável; o exilado tem a esperança do retorno; o sofredor, um laço que o prende: sua solidão, porém, é total e mais dura porque, bem à romântica, em meio à multidão na qual não se insere, já é outro, não mais o mesmo.

Percebe-se aí o sofrimento por que passa o poeta, e ele apenas o pode lamentar.

Em “Lamento”, Antero enaltece a claridade (“Um dilúvio de luz cai da montanha:”), símile da presença de Deus, reafirmada nos tercetos, onde encontramos a mesma fé, ainda remanescente, apesar da dolorosa queixa final:

Deus é Pai! Pai de toda a criatura:
E a todo o ser o seu amor assiste:
De seus filhos o mal sempre é lembrado...

Ah! Se Deus a seus filhos dá ventura
Nesta hora santa...e eu só posso ser triste...
Serei filho, mas filho abandonado! (Ibidem, p.139)

Em “A Alberto Teles” destaca-se também a temática da solidão, aqui, por parte do ermita, voluntária.

Nas duas primeiras estrofes há ainda indícios do panteísmo romântico verificado no soneto anterior: montanha, mar, tufão:

[...] os românticos descobriram e cultuaram Deus nos astros e nas águas do mar, nas montanhas e nos prados, no vento, nas árvores e nos animais, em tudo o que existe nas intérminas plagas do universo. O panteísmo representa, com efeito, a forma de religiosidade mais freqüente entre os românticos.(SILVA, 1984, p.559)

O poeta contrapõe sua solidão à do ermitão, à do nauta e à do exilado, marcando-lhes, entretanto, as diferenças: a destes não é total, pois contam com a presença de Deus, a lembrança dos seus e a esperança de um vento benfazejo:

Só! – Ao ermita sozinho na montanha
Visita-o Deus e dá-lhe confiança:
No mar, o nauta, que o tufão balança,
Espera um sopro amigo que o Céu tenha...

Só! – Mas quem se assentou em riba estranha,
Longe dos seus, lá tem inda a lembrança;
E Deus deixa-lhe ao menos a esperança
Ao que à noite soluça em erma penha...(QUENTAL, 1956, p.140)

Também não são totalmente sós aqueles que conservam qualquer espécie de laço que os prenda à vida, seja ele consolador, como uma crença, seja inquietante, como um cuidado:

Só! – Não o é quem na dor, quem nos cansaços,
 Tem um laço que o prenda a este fadário,
 Uma crença, um desejo ... e inda um cuidado ...(Ibidem, p.140)

A inteira e amarga solidão, conhece-a aquele que passa solitário entre turbas –
 fisicamente e espiritualmente só:

Mas cruzar, com desdém, inertes braços,
 Mas passar, entre turbas, solitário,
 Isto é ser só, é ser abandonado! (Ibidem, p.140)

Com a anáfora da palavra *Só!*, o poeta vai, nos exemplos sucessivos de não-solidão, agudizando a sua, que, maior que todas – a daquele que é *só* em meio à multidão – mal disfarça o eu que a suporta, mantendo-se implícita na atitude, marcadamente romântica, daquele que se sente só e abandonado, não na montanha ou no mar inabitados, mas em meio à multidão; o *mas*, da última estrofe confirma a sua solidão em relação aos outros seres.

No soneto “Lamento”, o *só* da última estrofe, era advérbio; neste (“A Alberto Teles”), é adjetivo; lá, *somente*, bissêmico, isto é, *apenas* ele, em oposição a todos os outros, ou: ele *apenas pode* ser triste, não tem outra alternativa; aqui ele é sozinho, dando-nos a certeza de que agora está realmente só.

Em “A Um Crucifixo”, Antero se volta para o próprio Cristo, lamentando a inutilidade de seu sacrifício:

Porque morreu sem eco o eco de teus passos,
 E de Tua palavra (ó Verbo!) o som fremente? (Ibidem, p.155)

Numa descrença total dos valores do mundo, o autor suplica ao Filho de Deus que não volte como prometera, pois tudo continua igual: é a mesma terra erma, sob o mesmo ermo Céu:

Agora, como então, na mesma terra erma,
 A mesma humanidade é sempre a mesma enferma,
 Sob o mesmo ermo Céu, frio como um sudário...(Ibidem, p.155)

Note-se a repetição do pronome *mesmo(a)*, quatro vezes, a acentuar a mesmice dessa humanidade incapaz de aprender as lições do Mestre.

Ao final, perante um mundo exangue e desgastado pelo não cumprimento dos preceitos evangélicos, Cristo ainda é interpelado pelo poeta que refaz o confronto entre passado e presente – “agora, como então,” – ; nada mudou. E pergunta-se o leitor: – Algum dia mudará?

E agora, como então, viras o Mundo exangue
E ouviras perguntar: “De que serviu o sangue
Com que regaste, ó Cristo, as urzes do Calvário?”(Ibidem, p.155)

A resposta a esta pergunta será dada por Antero, doze anos depois, e por nós analisada no próximo capítulo.³

Pertencentes ao Ciclo da Evasão, os Sonetos “Aspiração” (SÉRGIO, 1956, p.192), “Salmo”(Idem, p.191) e “Ignoto Deo” (Idem, p.189) estão intrinsecamente ligados: à mágoa causada pelo sentimento pessimista segue-se o desejo de fuga tão desenvolvido pelos românticos:

[...], na estética romântica, a imaginação [...] deixa de ser uma faculdade serva dos elementos fornecidos pelos sentidos e transforma-se em força autenticamente criadora, capaz de libertar o homem dos limites do mundo sensível e de o transportar até Deus. (SILVA, 1984, p.552)

O desejo evasionista em Antero vai-se concretizar em sua poesia. Através dela encontramos a figura de um Deus transcendente, portal da esperança de uma outra vida.

Em “Aspiração” deparamo-nos com um Antero esperançoso de conseguir a luz vital:

Meus dias vão correndo vagarosos,
Sem prazer e sem dor, e até parece
Que o foco interior já desfalece
E vacila com raios duvidosos. (QUENTAL, 1956, p.192)

³ “Não se perdeu teu sangue generoso”.(SÉRGIO, 1956, p.121)

Embora aspire a outras formas de céus (ou crenças): (“Minha alma, ó Deus! A outros céus aspira:”), não tem certeza da existência dos mesmos, apenas presente-os (“Porém do pressentir dá-me a certeza,”), desejando-os, embora saiba que a realização de seu desejo pode significar dor e tristeza: “Dá-ma! E sereno, embora a dor me fira, / Eu sempre bendirei esta tristeza.”

O desejo de crer (ou de recuperar a antiga crença) perdura e, embora sofra, este será um sofrimento bendito.

Em “Salmo”, há uma evolução no modo anterior de crer. Se, no soneto anterior (“Aspiração”), a busca da fé lhe causa sofrimento e dor, em “Salmo”, Deus é o seu consolador que, com clemência, pode indicar-lhe o caminho da “eterna pátria”, já citada em “Aspiração”.

Interessa notar que, à primeira vista, tem-se a impressão de um reencontro entre Antero e o Deus de sua infância (mesmo porque ele ainda é muito jovem), uma época em que a fé católica era, para ele, inquestionável.

No primeiro quarteto, aparece a fé incondicional do sujeito lírico: (“Esperemos em Deus:”), e a conseqüente justificativa para essa espera:

Esperemos em Deus! Ele há tomado
Em suas mãos a massa inerte e fria
Da matéria impotente e, num só dia,
Luz, movimento, acção, tudo lhe há dado.

Ele, ao mais pobre de alma, há tributado
Desvelo e amor: ele conduz à via
Segura quem lhe foge e se extravia,
Quem pela noite andava desgarrado. (Ibidem, p.191)

Desfiando as ações realizadas por Deus em relação aos que se desviaram de Seu caminho, é nos tercetos que Antero se põe como aquele que, tendo convicção plena de sua fé – o que é percebido através da subjetividade dos verbos: *aspiro*, *amo*, *anseio*, *chamo*, *espero* – não será por Ele esquecido (“Há de negar-me?”). Por que, sendo tão amado pelo poeta, que, insistentemente, por Ele clama, lhe negará Deus a realização do anseio?

E a mim, que aspiro a ele, a mim, que o amo,
Que anseio por mais vida e maior brilho,

Há de negar-me o termo deste anseio? (Ibidem, p.191)

A seguir, fechando o soneto, recorre Antero à célebre passagem bíblica do Filho Pródigo quando, invertendo os papéis, se transforma no que busca, sendo filho:

Buscou quem o não quis: e a mim, que o chamo,
Há-de fugir-me, como a ingrato filho?
Ó Deus, meu pai e abrigo! espero! ...eu creio! (Ibidem, p.191)

E termina num brado que reafirma a fé primeira, moldada em Alexandre Herculano: “Ó Deus, meu pai e abrigo! espero! ...eu creio!”

Se, em “Aspiração”, a busca de Deus lhe causa dor e em “Salmo”, o desespero é tanto, que ele procura Aquele no qual crê incondicionalmente, é em “Ignoto Deo” que se concretiza sua dúvida mais cruel: esse Deus que ele sente existir, que tenta racionalizar, é um desconhecido, não pode ser descoberto, tornando-se uma incógnita, “já que a um algo de todo desconhecido não há razão para o aceitarmos como sendo Deus; isto é: não pode existir motivo algum para nós o considerarmos como Deus, - e para lhe darmos, por conseguinte, o nome de ‘Deus’”. (Ibidem, p.190)

Sobre a expressão *Ignoto Deo*, faz-se necessário lembrar as palavras proferidas por Paulo numa pregação aos atenienses. Diz-nos a *Bíblia* que, enquanto esperava o povo para ouvi-lo, Paulo verificou existirem pela cidade vários monumentos usados para a idolatria. Num deles estava gravado *A um Deus Desconhecido*, o que lhe deu matéria para proferir, em pleno Areópago de Atenas, estas palavras:

Homens de Atenas, em tudo vos vejo muitíssimo religiosos. Percorrendo a cidade e considerando os monumentos do vosso culto, encontrei também um altar com esta inscrição *A um Deus Desconhecido*. O que adorais sem o conhecer, eu vo-lo anuncio! (BÍBLIA, p.1435)

É dessa dificuldade para reconhecer o seu Deus que nos fala o poeta em “Ignoto Deo”.

Totalmente integrado no racionalismo, Antero muda o tratamento dispensado a Deus: após aquela temática anterior e tradicional, surge a “idéia de Deus” que,

transformada em “matéria de indagação”, o leva à reflexão acerca do desconhecimento dEle.

Perdida a fé antiga, Antero já não O reconhece como Deus nos moldes tradicionais: transforma-O, portanto, no *Ignoto*, que precisa ser conhecido para ser amado.

Transformado no “crente sem crença”, Antero busca-O na Terra: dEle só encontra o altar vazio:

O Mundo é grande – e esta ânsia me aconselha
A buscar-te na Terra: e eu, pobre crente,
Pelo Mundo procuro um Deus clemente,
Mas a ara só lhe encontro ... nua e velha...(QUENTAL, 1956, p.189)

Reconhece e adora em Deus algo não mortal, que percebe, mas afirma não saber o que é. Tentando captar-lhe a essência, dirige-se “a um Deus ignorado”, chamando-Lhe “sonhada visão desta alma ardente”, cuja imagem nele se reflete como o sol no mar, reconhecendo sua beleza sem par entre os mortais:

Não é mortal o que eu em ti adoro.
Que és tu aqui? Olhar de piedade,
Gota de mel em taça de venenos ...(Ibidem, p.189)

Questiona-O e tenta responder-se nos versos 10 a 13 – com predicativos, nos dois primeiros, que passam a vocativos aos quais implora / ordena, que o livre da dúvida que o toma:

Pura essência das lágrimas que choro
E sonho dos meus sonhos! se és verdade,
Descobre-te, visão, no Céu ao menos!(Ibidem, p.189)

Encontra-se nessa busca não realizada o “núcleo da problemática anteriana”: se, por um lado, necessita crer nas antigas verdades, dogmáticas e tradicionais, por outro, sente-se refém da dúvida e do ceticismo provenientes da razão que tudo vai dominando.

Há uma condição para a volta da antiga crença: a condicional *se* do penúltimo verso, resume bem o seu estado de espírito, traduzido na busca de algo que não entende (“se és verdade”). Uma breve aparição no céu seria suficiente para mudar seu destino e fazê-lo,

placidamente, “repousar na mão de Deus”, mas isto não ocorre e Antero volta-se totalmente para o mundo dos mortais, transformando a sua busca de Deus na tentativa de encontrá-LO entre os homens:

De 1864 a 1874, nesses dez anos em que a tempestade caminha, vê-se o “silêncio e a escuridão”, que antes surgiam como surpresas medonhas, ganharem um lugar apropriado, embora eminente, no regime das coisas; vê-se o espírito do filósofo reagir sobre o temperamento do poeta, e tornar-se sistema o que até aí era fúria.
(MARTINS, p.21)

No próximo capítulo veremos como, em meio ao pensamento revolucionário, manteve-se em sua obra o onipresente “pensamento de Deus”.